



REDATOR PRINCIPAL  
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Taithaba — Lisboa • Telefone: ?

Orcinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Violências, sempre violências!

### NOTAS & COMENTARIOS

#### O ex-kaiser

Tem este jornal pôcos meses de existência; a despeito disso, bastantes temos sido as violências com que o tem alvejado. Em princípio, tentaram as autoridades coagir os seus redactores a só escrever o que fosse do agrado dos governantes, reduzindo-se, assim, numa forma notável, o raião de ação da sua propaganda. Terminantemente, recusaram-se os redactores de *A Batalha* a acatar semelhante atentado à liberdade de imprensa. As autoridades procuraram, então, quebrantar pela força a resistência que encontraram e a que não estavam acostumadas, inaugurando o regime da odiosa censura prévia, a princípio só aplicado à *Batalha* e depois também ao *Combate*. Todas as manhãs a oficina de impressão é invadida pela polícia, que impede que se faça a tiragem até que venha ordem superior que autorize a circulação deste diário. Revoltados, tivemos que nos submeter a essas violências, tivemos que sofrer todo o peso da repressão republicano-burguesa que estrangulava o nosso grito de protesto, perseguindo ilegalmente este jornal. Mas tal infâmia era ainda pouco. Uma noite, protegidos pelas trevas — porque os governantes são como os morcegos, nos gostam de prender as suas nefandas ações à luz dourada do sol — os agentes da ordem burguesa cercaram o edifício onde estamos instalados, apontando carabinas, no propósito manifesto de abater aí tiro o inimigo protesto. Quem se encontrava no edifício, uns trabalhando nas oficinas da *Batalha*, outros nos gabinetes de vários sindicatos, teve de sofrer o vexame de uma viagem em camião até ao quartel do Carmo e do arremessar de tanta gente para o celebre picadeiro. Manifesta-se a irritação que tal arbitrariedade produziu entre a opinião proletária que, sem descrepanças, unanimemente reprovou tão inexplicável violência. Certamente que dessa atmosfera de revolta não resultou a queda dos que governam, mas a verdade é que o já abalado prestígio das instituições sofreu mais uma forte enxada, porque muita gente que estava plenamente convencida de que em Portugal tinha sido inaugurado o regime do respeito pelas liberdades públicas, sofreu uma desilusão completa.

As mais inocentes manifestações de liberdade de pensamento, está sujeita ao arbitrio policial, que nos sufoca, impedindo-nos de gritar toda a verdade, de desnudar as infâmias que se praticam por toda a parte, de trazer público os crimes da burguesia. Querem estrangular-nos! Para eles, para os burgueses, os trabalhadores não tem direito a ter um jornal que defenda os seus interesses, que corrija assas aspirações, que combata todas as tropelias das classes privilegiadas. Constituem a sub-gente, indigna de qualquer consideração, descendendo directamente dos escravos que gemiam nos ergástulos romanos e eram despedaçados nas arenas dos círculos por feras ávidas de sangue, para entretenimento dos patrícios. Simplesmente, agora, como a humanidade um pouco progrediu durante centenas de anos, já não há requintes de barbares para reprimir indícios de rebeldia, mas não se hesita em sufocar a voz dos trabalhadores e em fuzilá-los quando eles esboçam uma pequena ameaça.

E' isto a República porque tantos operários arriscaram a vida, na madrugada incerta de 3. de Outubro, depois de terem passado pelos cercos da maré, e de sofrerem todo o peso da repressão ao movimento democrático! Que triste desilusão! Como do tanta incerteza dos homens que, nos tablados dos círculos, pregavam a rebelião contra a violência e a revolução para derrubar um trono que oprimiu um povo. Nunca se gosou de tão pouca liberdade de como agora. As associações legalmente constituídas, estão constantemente ameaçadas de invasão pela força armada; jornais que estão prontos a responder por quaisquer abusos de liberdade de imprensa, são perseguidos de uma forma cobarde e desfilar, procurando-se matá-los à força de sucessivos e importantes prejuízos materiais!

Suportaremos, no entanto, todas as perseguições da burguesia governamental. Nós temos a consciência de que nos assiste a razão e não seremos a perseguição que nos farão curvar. Pelo povo trabalhador, pela organização operária, continuaremos lutando intransigentemente, preferindo cair moribundos no campo de batalha a retirarmos vergonhosamente perante o inimigo!

**Em Portalegre morre-se de fome!**

Os gêneros de maior consumo quase que desapareceram da circulação

PORTALEGRE, 17. — Nesta cidade falta o pão para o consumo dos habitantes. Esta exgotada a farinha doce municipal e o governo, para remediar tão importante falta, não tomou providências alguma.

A câmara e o povo lamentam semelhante desredo, absolutamente injustificado. Todos os gêneros que hoje apareceram à venda no mercado subiram de preço. Não há peixe, vinho e tabaco, e até seios de franquia faltam. Vai também faltar a água, devido ao calor excessivo.

**Uma greve original**

Os presos da cadeia de Wingate, pedem a redução da jornada de trabalho

NEW-YORK, 13. — Os presos da cadeia agrícola de Wingate, onde os hembras comandaram tem a faculdade de trabalhar, em relativa liberdade, para fornecer hortaliças e frutas às outras prisões, declararam-se em greve, reclamando uma redução nas horas de trabalho. A greve não deu resultado. Os grevistas retomaram imediatamente o trabalho, quando cinco dos mais entusiastas pelo movimento, foram privados dos seus privilégios agrícolas e removidos para a cadeia de Sing-Sing.

Uma nota curiosa é a de nenhum dos condenados de Wingate ter tentado fugir, o que lhes seria fácil, na sua situação de presos com homenagem, e de mais a mais em greve.

**Desordens em Berlim**

BASILEIA, 12. — Notícias de Berlim, dizem que houve desordens por causa da carestia da vida nas quais ficaram feridas umas 10 pessoas e foram arremessadas bombas de mão. —

**Depois da guerra**

O primeiro navio alemão que atra- vessa o Mediterrâneo

HAMBURGO, 16. — Levantou ferro o vapor *Diana*, o primeiro navio alemão que vai atravessar o Mediterrâneo devido de astina da paz.

**Trabalhadores: Auxiliai os ferroviários!**

### EM VOLTA DE UM PROJECTO DE LEI

## SINDICALIZAÇÃO OBRIGATÓRIA

#### Um deputado deslocado do seu meio ou uma habilidade política para "matar" o sindicalismo?

E' realmente interessante o projeto de lei que o deputado João Camoezas submeteu à apreciação do parlamento sobre a sindicalização obrigatória do proletariado.

Por várias vezes temos visto defender diferentes meios de obrigar os operários não sindicados a organizar-se e entre estes meios o que consiste em coagir os refractários à organização a sindicar-se, pondo-se em prática o boicote por parte dos sindicados, tanto nas obras- se são componentes da construção — como nas oficinas e fábricas — se são outras empresas.

Em certos pontos de Espanha, por exemplo, há acordos estabelecidos entre os gerentes ou patrões e os operários, segundo os quais nenhum operário terá ingresso no respetivo trabalho, se não apresentar a sua cadereta de sindicado.

Há exceções apenas para o operário estrangeiro, quando justifique a falta da cadereta, em credencial fornecida pelo sindicato da localidade de onde saiu,

mas é forçado a sindicar-se imediatamente no sindicato profissional da localidade onde se encontra.

Entre nós também ésse princípio se está desenvolvendo, especialmente nas localidades onde a organização sindical adquiriu alguma potência consciente.

Este procedimento, porém, é resultante da necessidade de defesa dos operários animados do espírito de classe; é, no mesmo tempo, a maneira, considerada eficaz, de forçar os indiferentes a interessar-se pela organização e por todos os problemas que lhes dizem respeito.

No momento que passa os operários são compelidos a ingressar nos sindicatos, em vista das necessidades momentâneas apertarem, necessidades impostas pelas condições de vida económica, dia a dia mais insuportáveis e crueis, e ainda que não tem a intuição nítida de que se avizinha a hora da redenção.

Não são todos e nem sequer a maioria do país: é apenas uma minoria, se bem que relativamente numerosa.

Mas tempo houve que poucos eram organizados e a par da propaganda, uns um tanto quanto colectivos, necessidades impostas pelas condições de vida económica, dia a dia mais insuportáveis e crueis, e ainda que não tem a intuição nítida de que se avizinha a hora da redenção.

Não são todos e nem sequer a maioria do país: é apenas uma minoria, se bem que relativamente numerosa.

As Juventudes Sindicais

As Juventudes Sindicais iranianas, que, no inicio da guerra, se desorganizaram quase inteiramente, em virtude de haverem sido chamados para a matança os seus melhores elementos, estão a reorganizar-se agora — maravilhosamente, segundo dia uma carta recebida pelas Juventudes Portuguesas. O *Crédit des Jeunes Syndicalistes* reaparece, está em vias de definitiva constituição um organismo federativo. Daqui se vê que a guerra, sendo a mais destruidora das convulsões burguesas, não conseguiu, apesar de tudo, afundar, no sentido que provocou a ideia sindicalista. Em Portugal as Juventudes tomaram imediatamente um novo incremento e já o antigo organismo da Rua do Arco da Graça, fundado na Casa Sindicada Rua dos Prazeres — seu origem a várias ramificações, existindo actualmente uma organização que, apesar das suas insuficiências, se mostra robusta e disposta a perdurar. A questão é de remover aquelas insuficiências, fazendo das Juventudes como que uma escola donde possam sair homens bons, quer para combater a iniquidade presente, quer para desmarcharem o conjunto harmônico de uma sociedade nova, admitido que, como tudo indica, a transformação social é tarefa de que a actual geração de adultos se encarregará.

Nunca se gosou de tão pouca liberdade de como agora. As associações legalmente constituídas, estão constantemente ameaçadas de invasão pela força armada; jornais que estão prontos a responder por quaisquer abusos de liberdade de imprensa, são perseguidos de uma forma cobarde e desfilar, procurando-se matá-los à força de sucessivos e importantes prejuízos materiais!

Suportaremos, no entanto, todas as perseguições da burguesia governamental. Nós temos a consciência de que nos assiste a razão e não seremos a perseguição que nos farão curvar. Pelo povo trabalhador, pela organização operária, continuaremos lutando intransigentemente, preferindo cair moribundos no campo de batalha a retirarmos vergonhosamente perante o inimigo!

**Presos por questões sociais**

As Juventudes Sindicais iranianas, que, no inicio da guerra, se desorganizaram quase inteiramente, em virtude de haverem sido chamados para a matança os seus melhores elementos, estão a reorganizar-se agora — maravilhosamente, segundo dia uma carta recebida pelas Juventudes Portuguesas. O *Crédit des Jeunes Syndicalistes* reaparece, está em vias de definitiva constituição um organismo federativo. Daqui se vê que a guerra, sendo a mais destruidora das convulsões burguesas, não conseguiu, apesar de tudo, afundar, no sentido que provocou a ideia sindicalista. Em Portugal as Juventudes tomaram imediatamente um novo incremento e já o antigo organismo da Rua do Arco da Graça, fundado na Casa Sindicada Rua dos Prazeres — seu origem a várias ramificações, existindo actualmente uma organização que, apesar das suas insuficiências, se mostra robusta e disposta a perdurar. A questão é de remover aquelas insuficiências, fazendo das Juventudes como que uma escola donde possam sair homens bons, quer para combater a iniquidade presente, quer para desmarcharem o conjunto harmônico de uma sociedade nova, admitido que, como tudo indica, a transformação social é tarefa de que a actual geração de adultos se encarregará.

Nunca se gosou de tão pouca liberdade de como agora. As associações legalmente constituídas, estão constantemente ameaçadas de invasão pela força armada; jornais que estão prontos a responder por quaisquer abusos de liberdade de imprensa, são perseguidos de uma forma cobarde e desfilar, procurando-se matá-los à força de sucessivos e importantes prejuízos materiais!

Suportaremos, no entanto, todas as perseguições da burguesia governamental. Nós temos a consciência de que nos assiste a razão e não seremos a perseguição que nos farão curvar. Pelo povo trabalhador, pela organização operária, continuaremos lutando intransigentemente, preferindo cair moribundos no campo de batalha a retirarmos vergonhosamente perante o inimigo!

**Uma conferência por Sobral de Campos**

Amanhã, pelas 21 horas, na sede da União dos Sindicatos Operários de Lisboa, calçada do Combro, 38-A, 2.º, realiza o dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Jurídico da Central dos Sindicatos, uma conferência sobre o tema: «Os presos por questões sociais».

A entrada é pública.

**A greve dos marítimos de Olhão**

Termina com vantagens para os grevistas

OLHÃO, 16. — As artes de pesca voltaram a mar, normalizando-se a vida local, tendo os marítimos convidado os armadores, retomando o trabalho em condições sensivelmente iguais às anteriores à greve.

Três dias depois os armadores ofereceram, sob proposta do dr. Carlos Fusco, condições mais vantajosas que o máximo reclamado durante a greve.

**A guerra vermelha**

O Japão não quer combater os bolcheviques

TOKIO, 17. — O governo japonês, respondendo à nota do almirante Kolchak, declarou que não poderia consentir no envio de divisões japonesas para combater os bolcheviques.

**Depois da guerra**

O primeiro navio alemão que atra- vessa o Mediterrâneo

HAMBURGO, 16. — Levantou ferro o vapor *Diana*, o primeiro navio alemão que vai atravessar o Mediterrâneo devido de astina da paz.

**Desordens em Berlim**

BASILEIA, 12. — Notícias de Berlim, dizem que houve desordens por causa da carestia da vida nas quais ficaram feridas umas 10 pessoas e foram arremessadas bombas de mão. —

**Trabalhadores: Auxiliai os ferroviários!**

### A defesa da "Liberdade" e do "Direito"...

## A Inglaterra perante a Revolução Russa

### O órgão do partido liberal, «Daily News», condena por completo a intervenção da Grã-Bretanha nas questões internas da Rússia :: :: ::

O *Daily News*, órgão oficial do partido liberal inglês, de que é principal vulto o conhecido político britânico, sr. Asquith, chefe do governo quando do inicio da conflagração europeia, publicou ultimamente um sensacional artigo condenando por completo qualquer intervenção do seu país nos negócios internos da República dos Soviets. Passamos a transcrever esse artigo, que além de ser um importante documento que não deviamos deixar de registar nestas colunas, é a demonstração de que a burguesia britânica, muito mais perspicaz do que os países latinos, é a instância das intervenções armadas num país que livremente escolheu uma forma de governo a que de nenhuma forma quer renunciar. Aos que evangélizam o combate ao perigo bolchevista recomendamos a leitura atenta desse artigo, para que não persistam na sua opinião de que os aliados devem esmagar um novo que se libertou e que quer continuar a ditar regras de governo.

É a luta de classes que se evidencia? Era. Era e, cada vez mais nitidamente, cada vez mais agressiva, se torna — mas luta que só terá fim quando cessar a exploração do homem pelo homem, que é a sua determinante imaterial.

Ainda agora o proletariado organizado pretende — e há conseguido — robustecer a sua organização, dar-lhe mais amplitude, completá-la, não só para corresponder às necessidades da sua cidadania, mas às necessidades do futuro, posto que é de ser um importante documento que não deviamos deixar de registar nestas colunas, é a demonstração de que a burguesia britânica, muito mais perspicaz do que os países latinos, é a instância das intervenções armadas num país que livremente escolheu uma forma de governo a que de nenhuma forma quer renunciar.

É a actual industrialismo, baseado no direito de propriedade individual e salvaguardado pelo princípio de autoridade, suceder, lógicamente, o sindicalismo, sob a base comunista da produção e de consumo com o máximo respeito pela autonomia do indivíduo e do agrupamento.

Este critério, puramente operário e revolucionário, não pode caber dentro dos limites, estreitos e convencionais, dum parlamento e nem mesmo de qualquer dos seus componentes.

O parlamento, fócio democrático, existe para legislar sobre a defesa dos direitos dos detentores da riqueza, contra o espoliado, que é todo o proletariado.

O sindicalismo existe para defesa dos espoliados, de todo o proletariado contra os detentores da riqueza e seus defensores.

Há, portanto, um dualismo de princípios, de funções e de interesses, entre uma e outra instituição. Os seus objectivos são antagónicos.

O parlamento, para desaparecer, quereria que o sindicalismo desaparecesse. Todo o seu interesse seria que o proletariado organizado se desmantelasse, para que a burguesia pudesse tripudiar.

A ORDEM...

## O CRÉDITO DE 3.100 CONTOS

O governo, em vez de combater a carestia da vida, pede ao parlamento dinheiro para combater o povo trabalhador

Apresentou anteontem o governo, no parlamento, o pedido de um crédito de 3.100 contos, que serão, segundo declarou, destinados à manutenção da *ordem* pública. De tal forma esse pedido de crédito é inaceitável, que merece o ataque vivo de deputados de quase todas as *huances*, que, por fim, faltando assim ao que disseram durante o agitado debate, o aprovaram. Não podemos deixar de apreciar como de justiça esse facto. Num momento em que o país necessita de muitos quilômetros de estradas, encontrando-se as poucas que existem num estado lamentável; em que se impõe imperiosamente o renovação do material e o desenvolvimento da rede ferroviária; em que há importantes questões de fomento a resolver, não se explica de forma alguma que esses milhares de contos se vão assim desperdiçar na manutenção da *ordem* pública, que só os governantes, em todas as circunstâncias, tem alterado. E' dinheiro que o povo vai pagar para que os esbirros da Segurança do Estado continuem arrastando a sua ociosidade, espionando honrados trabalhadores, dando tramas infernais para o esmagamento da organização operária, arrastando para os cárceis lobregos que povoam o país de extremo a extremo, os homens de boa vontade que querem melhorar as condições de vida dos que trabalham. E' dinheiro arrastado ao contribuinte para que a guarda republicana se pague bem, fornecendo-lhe camiões e peças de artilharia, a fim de que, se esse mesmo contribuinte se largar no protesto da praça pública, a isso impelido pela tenebrosa situação que lhe criaram os governantes, ela facilmente esmague, com a fôrça das armas, a tão justificada rebeldia. E' o dinheiro extorquido aos trabalhadores para impedir a sua organização, para os perseguir, para os enregar, amarrados de pés e mãos, à burguesia exploradora, à burguesia que os envenenou e roubou durante a guerra, sem que em qualquer circunstância os que governam tentassem obstar a tais desmandos.

Pode o governo operários que diz perturbadores da ordem por temer um bocadinho de consciência. E' mas porque motivo não persegue os verdadeiros, os genuínos autores das perturbações, que são os magnates da moagem, do bacalhau, do peixe, enfim, os comerciantes que tem em sua mão o abastecimento do país e que com a sede de acumular rapidamente montanhas de ouro, obrigam as classes proletárias, para não morrerem de fome, a lançar-se em continuas greves de aumento de salário que, embora nada resolvendo — como se tem verificado, pois o comerciante promove logo níma alta no custo da vida que vai além dessa melhoria de situação —, todavia, o único caminho, a única arma de que se podem utilizar para resistir aos *honrados* comerciantes da nossa praça, que, com toda a sua amizade à ordem e ao sossego, não são capazes de sacrificar uma parte dos seus interesses, ao interesse geral, ao interesse de um povo de sete milhões de almas, que morre de fome, sem ter o poder quem, muito seriamente, provindência para que tal flagelo seja de pronto debelado.

Aproveitou anteontem, o parlamento, o que chama bolchevismo, e que não é mais que uma manifestação de protesto da opinião pública perante a crise da vida, que se mantém após oito meses de armistício. Mas porque razão não reclama dinheiro para iniciar uma grande ofensiva contra os aguaceiros, contra os responsáveis da fome nacional, promovendo a venda ao público de enormes quantidades de gêneros de primeira necessidade, que se encontram enterrados nos armazéns dos altos comerciantes, lançando mão de todos os meios para trazer rapidamente à região de Lisboa, artigos que a província e as colônias tem em enormes quantidades, e que por lá ficam deteriorando-se, na maior parte dos casos, enquanto em Lisboa só se encontram quantias, prosseguirão no seu caminho de violência sem nome, desrespeitando as mínimas liberdades, conduzindo o país a uma tirania só comparável com a que imperava na Rússia quando governavam os czars. Tudo fará para evitar a menor beliscadura na *ordem* burguesa e capitalista. Estamos, porém, absolutamente certos de que todos os seus ex-folos redundarão no mais completo fracasso, pois a história destes nove anos incompletos de regime republicano, ensina-nos que nunca com violências conseguiram os governantes manter a tranquilidade, porque elas provocam sempre o protesto vivo das que tem consciência e o desencadeia da batalha entre os que querem submeter o povo à opressão mais vergonhosa e a parte da população que está disposta a manter, através de tudo e custe o que custar, as liberdades mínimas de que gosa e que com tanto sacrifício, com tanto sangue, foram arrancadas às classes privilegiadas, durante anos de ininterrupta e ardorosa luta.

Inclui-se, também, o regime com os governos que se seguiram à guerra civil de Janeiro. Depois dessa tremenda luta, todos julgavam que os processos antigos seriam definitivamente postos de parte e que triunfaría o desejo de conciliação, evitando-se lutas perigosas para o prestígio da República. Não sucede assim. Continua sendo a violência, a ostentação de força, a atitude predileta dos homens que o acaso das revoluções guarda ao poder. Das consequências desastrosas que isso acarretaria, interir-se-há brevemente a opinião pública, porque o procedimento do governo, necessariamente provocaria uma energética reação do povo que trabalha, do povo que produz, e que tem consciência.

Um crédito para a manutenção da *ordem* pública!

**SOUVARINE.**

## A agitação social na Inglaterra

O programa do *soviet* do Clyde é, em Inglaterra, como, de resto, em toda a Europa, a grande agitação revolucionária de caráter social, mantendo o proletariado o seu propósito de derrubar a sociedade capitalista. Como demonstração do estado em que se encontra o proletariado britânico, publicamos hoje o programa do *soviet* do Clyde, importante cidade onde estão os maiores estaleiros de Inglaterra, e onde durante a guerra foi grande a efervescência revolucionária do operariado. Esse documento foi descoberto pela polícia quando das suas investigações para a descoberta de uma tanta conspiração que supõe organizações com o objetivo de destruir a organização capitalista da Grã-Bretanha:

1.º Desarmamento de todos os soldados proletários.

2.º Confisco de armas e munições pelo Conselho de operários e trabalhadores.

3.º Armatamento de toda a população operária constituída em exército vermelho.

4.º Disciplina voluntária dos soldados em substituição da actual escravidão brutal e degradante. Todos os superiores serão eleitos pela tropa. Abolição dos conselhos de oficiais.

5.º Nomeação de representantes dos conselhos de operários e soldados em todos os gabinetes políticos.

6.º Criação dum tribunal revolucionário para julgar os homens principalmente responsáveis dos maus tratamentos infligidos aos soldados, especialmente presos.

7.º Confisco imediato de todas as subsídias, a fim de ser assegurado o sucesso da revolução.

8.º Supressão do Parlamento e dos Conselhos Municipais, cujos trabalhos serão efectuados pelo Conselho revolucionário.

9.º Abolição de todas as distâncias de classe, títulos e ordens, igualdade social dos sexos.

10.º Redução das horas de trabalho para auxiliar a fábrica, e para levar a limitação do direito do trabalho a seis horas; salário mínimo da sete libras por semana de trabalho.

11.º Confisco de todos os bens e rendimentos da coroa, que se tornarão propriedade comunitária.

12.º Anulação de todas as dívidas do Estado e outras dívidas.

15.º Expropriação de todas as terras e propriedades, fundos, títulos e valores actualmente possuídos pelas classes dirigentes, nas províncias.

16.º Expropriação de todos os bancos, ministérios, estabelecimentos comerciais e industriais, pelo conselho revolucionário.

17.º O Comité republicano aposse-se de todos os meios de comunicação e de trânsito e de todos os transportes.

**Os rendimentos dos trabalhadores**

Escreveu-nos Carlos Alberto Cabral, 2.º membro da 23.ª Companhia do Depósito de Adidos, priso no governo civil, dizendo ser falso a notícia que vários jornais publicaram a seu respeito e em que se dizia que a prisão obedeceu a anular esmolando a pena dos teatros.

Em consequência de se encontrarem em folga forçada os mesmos operários e regimento de todos os meios de comunicação de massa, como sejam: Todas as reparações de máquinas e caldeiras, tanto marítimas como terrestres, reparações com todo o esforço e propriedade em todas as traseiras tanto no Pórtio como fábrica, montagem, ajustagem e afinação do automóvel de todos os meios. Tudo se fazia com a maior diligência e perfeição, tanto marítimas e aéreas, quanto no Pórtio como fábrica, tornam a seu cargo também todos os trabalhos de construção civil e mobilha de fábrica.

As condições para chamada de pessoas como para receber de encomendas, devem-se paletas na rua de Camões, 364, de 23, desde as 10 horas a 15.

Atenta a energética atitude do chefe do governo, somos informados de que o sr. Sá Cardoso vai garantir aos operários metalúrgicos do Pórtio e Gaiá a liberdade de trabalho, mandando reabilitar imediatamente as oficinas e fazendo substituir os donos das fábricas.

**Préso por mendigar**

Escreve-nos Carlos Alberto Cabral, 2.º membro da 23.ª Companhia do Depósito de Adidos, priso no governo civil, dizendo ser falso a notícia que vários jornais publicaram a seu respeito e em que se dizia que a prisão obedeceu a anular esmolando a pena dos teatros.

**Os que roubam fora da lei**

Quixaram-se à polícia Manuel Dutra Costa, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 31, e seu filho, que se achava no seu estabelecimento na mesma rua, calado no valor de 150000. Catarina Pimenta, rua dos Cavaleiros, 7, 3.º, de que, por arrombamento, furtaram da sua residência objectos no valor de 4000, e Aurora Monteiro, rua da Mouraria, 17, 5.º, de que, também, furtaram da sua residência objectos no valor de 500.

**INVENTUDES SINDICALISTAS**

**Juventude Sindicista Central** — A comissão administrativa convoca os sócios que pagavam na sede, a viram à sede da Federação da Construção Civil, a fim de satisfazer as contas em atraso. O cobrador encontrou-se lá ali as 20 horas em diante. Os camaradas que mudaram a sua residência, devem comparecer a apresentar as contas em atraso.

**As que roubam fora da lei**

Quixaram-se à polícia Manuel Dutra Costa, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 31, e seu filho, que se achava no seu estabelecimento na mesma rua, calado no valor de 150000. Catarina Pimenta, rua dos Cavaleiros, 7, 3.º, de que, por arrombamento, furtaram da sua residência objectos no valor de 4000, e Aurora Monteiro, rua da Mouraria, 17, 5.º, de que, também, furtaram da sua residência objectos no valor de 500.

**As que roubam fora da lei**

Quixaram-se à polícia Manuel Dutra Costa, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 31, e seu filho, que se achava no seu estabelecimento na mesma rua, calado no valor de 150000. Catarina Pimenta, rua dos Cavaleiros, 7, 3.º, de que, por arrombamento, furtaram da sua residência objectos no valor de 4000, e Aurora Monteiro, rua da Mouraria, 17, 5.º, de que, também, furtaram da sua residência objectos no valor de 500.

**As que roubam fora da lei**

Quixaram-se à polícia Manuel Dutra Costa, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 31, e seu filho, que se achava no seu estabelecimento na mesma rua, calado no valor de 150000. Catarina Pimenta, rua dos Cavaleiros, 7, 3.º, de que, por arrombamento, furtaram da sua residência objectos no valor de 4000, e Aurora Monteiro, rua da Mouraria, 17, 5.º, de que, também, furtaram da sua residência objectos no valor de 500.

**As que roubam fora da lei**

Quixaram-se à polícia Manuel Dutra Costa, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 31, e seu filho, que se achava no seu estabelecimento na mesma rua, calado no valor de 150000. Catarina Pimenta, rua dos Cavaleiros, 7, 3.º, de que, por arrombamento, furtaram da sua residência objectos no valor de 4000, e Aurora Monteiro, rua da Mouraria, 17, 5.º, de que, também, furtaram da sua residência objectos no valor de 500.

**As que roubam fora da lei**

Quixaram-se à polícia Manuel Dutra Costa, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 31, e seu filho, que se achava no seu estabelecimento na mesma rua, calado no valor de 150000. Catarina Pimenta, rua dos Cavaleiros, 7, 3.º, de que, por arrombamento, furtaram da sua residência objectos no valor de 4000, e Aurora Monteiro, rua da Mouraria, 17, 5.º, de que, também, furtaram da sua residência objectos no valor de 500.

**As que roubam fora da lei**

Quixaram-se à polícia Manuel Dutra Costa, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 31, e seu filho, que se achava no seu estabelecimento na mesma rua, calado no valor de 150000. Catarina Pimenta, rua dos Cavaleiros, 7, 3.º, de que, por arrombamento, furtaram da sua residência objectos no valor de 4000, e Aurora Monteiro, rua da Mouraria, 17, 5.º, de que, também, furtaram da sua residência objectos no valor de 500.

**As que roubam fora da lei**

Quixaram-se à polícia Manuel Dutra Costa, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 31, e seu filho, que se achava no seu estabelecimento na mesma rua, calado no valor de 150000. Catarina Pimenta, rua dos Cavaleiros, 7, 3.º, de que, por arrombamento, furtaram da sua residência objectos no valor de 4000, e Aurora Monteiro, rua da Mouraria, 17, 5.º, de que, também, furtaram da sua residência objectos no valor de 500.

**As que roubam fora da lei**

Quixaram-se à polícia Manuel Dutra Costa, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 31, e seu filho, que se achava no seu estabelecimento na mesma rua, calado no valor de 150000. Catarina Pimenta, rua dos Cavaleiros, 7, 3.º, de que, por arrombamento, furtaram da sua residência objectos no valor de 4000, e Aurora Monteiro, rua da Mouraria, 17, 5.º, de que, também, furtaram da sua residência objectos no valor de 500.

**As que roubam fora da lei**

Quixaram-se à polícia Manuel Dutra Costa, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 31, e seu filho, que se achava no seu estabelecimento na mesma rua, calado no valor de 150000. Catarina Pimenta, rua dos Cavaleiros, 7, 3.º, de que, por arrombamento, furtaram da sua residência objectos no valor de 4000, e Aurora Monteiro, rua da Mouraria, 17, 5.º, de que, também, furtaram da sua residência objectos no valor de 500.

**As que roubam fora da lei**

Quixaram-se à polícia Manuel Dutra Costa, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 31, e seu filho, que se achava no seu estabelecimento na mesma rua, calado no valor de 150000. Catarina Pimenta, rua dos Cavaleiros, 7, 3.º, de que, por arrombamento, furtaram da sua residência objectos no valor de 4000, e Aurora Monteiro, rua da Mouraria, 17, 5.º, de que, também, furtaram da sua residência objectos no valor de 500.

**As que roubam fora da lei**

Quixaram-se à polícia Manuel Dutra Costa, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 31, e seu filho, que se achava no seu estabelecimento na mesma rua, calado no valor de 150000. Catarina Pimenta, rua dos Cavaleiros, 7, 3.º, de que, por arrombamento, furtaram da sua residência objectos no valor de 4000, e Aurora Monteiro, rua da Mouraria, 17, 5.º, de que, também, furtaram da sua residência objectos no valor de 500.

**As que roubam fora da lei**

Quixaram-se à polícia Manuel Dutra Costa, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 31, e seu filho, que se achava no seu estabelecimento na mesma rua, calado no valor de 150000. Catarina Pimenta, rua dos Cavaleiros, 7, 3.º, de que, por arrombamento, furtaram da sua residência objectos no valor de 4000, e Aurora Monteiro, rua da Mouraria, 17, 5.º, de que, também, furtaram da sua residência objectos no valor de 500.

**As que roubam fora da lei**

Quixaram-se à polícia Manuel Dutra Costa, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 31, e seu filho, que se achava no seu estabelecimento na mesma rua, calado no valor de 150000. Catarina Pimenta, rua dos Cavaleiros, 7, 3.º, de que, por arrombamento, furtaram da sua residência objectos no valor de 4000, e Aurora Monteiro, rua da Mouraria, 17, 5.º, de que, também, furtaram da sua residência objectos no valor de 500.

**As que roubam fora da lei**

Quixaram-se à polícia Manuel Dutra Costa, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 31, e seu filho, que se achava no seu estabelecimento na mesma rua, calado no valor de 150000. Catarina Pimenta, rua dos Cavaleiros, 7, 3.º, de que, por arrombamento, furtaram da sua residência objectos no valor de 4000, e Aurora Monteiro, rua da Mouraria, 17, 5.º, de que, também, furtaram da sua residência objectos no valor de 500.

**As que roubam fora da lei**

Quixaram-se à polícia Manuel Dutra Costa, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 31, e seu filho, que se achava no seu estabelecimento na mesma rua, calado no valor de 150000. Catarina Pimenta, rua dos Cavaleiros, 7, 3.º, de que, por arrombamento, furtaram da sua residência objectos no valor de 4000, e Aurora Monteiro, rua da Mouraria, 17, 5.º, de que, também, furtaram da sua residência objectos no valor de 500.